Área: Globalização e Internacionalização de Empresas

A Globalização Produtiva e a Globalização Financeira no Processo de Mundialização da Economia

Gerusa Coutinho Ramos - Mestre em Economia, Professora nos cursos de graduação em Ciências Econômicas e Ciências Contábeis da FMU; Professora do MBA em Estratégia do Terceiro Setor; Professora do lato sensu em Administração e Controladoria da FMU; Professora nos cursos de hotelaria e hotelaria hospitalar da HOTEC.

**** SINOPSE DO *CURRICULUM VITAE* - Gerusa Coutinho Ramos**

Mestrado, lato sensu, graduação em Ciências Econômicas, professora e orientadora de monografia nos cursos de pós-graduação em MBA em Estratégia de Gestão no Terceiro Setor, Administração e Controladoria (FMU); Professora de Graduação no curso de Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Atuariais (FMU); Professora em Economia Aplicada e Administração nos cursos de Hotelaria e Hotelaria Hospitalar na HOTEC; pesquisadora nas áreas de terceiro setor, economia solidária, cooperativismo, economia do trabalho, globalização e pobreza, turismo, hotelaria hospitalar e meio ambiente; orientadora de monografias nas áreas de terceiro setor, cooperativismo, economia solidária, meio ambiente, economia, administração, *marketing,* controladoria, turismo, hotelaria, hotelaria hospitalar. Presta assessoria e consultoria nas áreas de terceiro setor, cooperativismo de trabalho, economia solidária, empreendedorismo, gestão de negócios, projetos empresariais e no terceiro setor; Coordenação pedagógica, preparação de material didático e instrução das habilidades básicas (em motivação, empregabilidade, cidadania e cooperativismo), em cursos de Qualificação/Requalificação profissional em programas do Governo Federal (Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo/Ministério do Trabalho e Emprego/Organizações do Terceiro Setor (SP).

RESUMO

A globalização da economia é um fenômeno discutido nas ciências gerenciais atualmente, pelo volume de negócios realizados entre os países do mundo no denominado mercado global e movimentação de fluxos de capitais financeiros em bolsas de valores. Compreender o significado da globalização da economia no capitalismo torna-se fundamental, inclusive para qualificação de profissionais para atuação no mercado externo e interno, como também para identificar com clareza o espaço ocupado pela globalização produtiva e globalização financeira, causas das crises, como, por exemplo, em 2008. O artigo tem como objetivo apresentar a caracterização da globalização produtiva e da globalização financeira, com os respectivos efeitos nas economias. A metodologia propõe uma revisão bibliográfica, leitura e interpretação de textos, para a construção de uma discussão teórica sobre a temática da globalização da economia. Os autores mais citados são: Chesnais (2005); Brum (2001); Gonçalves (1998). O trabalho é teórico, demonstra uma tendência a financeirização da economia, com uma forte participação do capital financeiro na economia, uma vulnerabilidade na economia mundial e uma relação com as crises econômicas nos últimos tempos, como também uma redução do capital produtivo com relação ao financeiro.

Palavras-chave: Globalização Produtiva. Globalização Financeira. Financeirização da Economia Mundial. Crise Econômica.

ABSTRACT

Economic globalization is a phenomenon discussed in the managerial sciences today, the volume of business transacted between the countries of the world called on the global market and movement of capital flows in financial exchanges. Understanding the meaning of globalization of the economy under capitalism becomes essential, including training of professionals to act in external and internal market but also to clearly identify the space occupied by the globalization of production and financial globalization, the causes of crises, for example, in 2008. The article aims at presenting a characterization of globalization of production and financial globalization, with its impact on economies. The methodology proposes a literature review, reading and interpreting texts, to construct a theoretical discussion on the topic of economic globalization. The most cited authors are: Chesnais (2005), Brum (2001), Gill (1998). The work is theoretical, shows a tendency to financing of economy, with strong participation of financial capital in the economy, a vulnerability in the global economy and a relationship with the economic crises in recent times, as well as a reduction of productive capital with respect to financial.

Keywords: Globalization Productive. Financial globalization. Financialization of World Economics. Economic Crisis.

1 Introdução

Na década de 90, emerge na economia mundial um processo intenso de mudanças proveniente da globalização e reestruturação produtiva. Este período é marcado por novas formas de produção e avanços tecnológicos, tendo como elemento norteador o funcionamento de um mercado global, pautado pelo aumento do fluxo de investimentos diretos estrangeiros e fluxos de capitais, o avanço do comércio e da tecnologia.

As mudanças na economia advindas da globalização afetaram diretamente o setor industrial provocando modificações na estrutura das empresas. Trata-se da era da competitividade, que aumenta cada vez mais a disputa entre as empresas pelo espaço econômico no mercado. Destaca-se também que a diminuição da estrutura das empresas no setor industrial, comércio e de serviços, a redução de custos, a exigência em termos de qualidade total e o aumento da produtividade são ferramentas indispensáveis para o êxito das empresas no mercado globalizado.

A abertura da economia ao mercado global trouxe impactos diretos nas indústrias e no nível de empregos. A reestruturação econômica provocou alterações no mercado de trabalho que também modificou o seu perfil, de um mercado predominantemente formal para um mercado com forte participação do setor informal.

Neste contexto, qual a política adotada na fase atual da economia?. Houve uma mudança no discurso do tipo de política. O diagnóstico do esgotamento da fase de intervencionismo do Estado, diante da situação de endividamento das economias do mundo, era um discurso claramente defendido pelos EUA. Os governantes e representantes das grandes empresas no mundo começaram a pensar em uma nova política que fosse capaz de proteger o capitalismo de uma grande crise e fizesse a defesa da liberdade de mercado.

A partir de meados da década de 1980, com execução predominante em 1990, os países dominantes começam a defender a implantação de uma política neoliberal caracterizada pela diminuição da participação do Estado na economia, ou seja, deixar de controlar a produção e os preços, enquanto continuaria com a área social (educação, saúde, habitação e cultura) e de infraestrutura (estradas e transporte). Esta fase é chamada de neoliberalismo.

O que é o neoliberalismo?. é uma proposta de política econômica do capitalismo executada através do funcionamento livre do mercado de bens e serviços em nível global que passa a ser o regulador da economia e a diminuição da participação do Estado na economia.

O que significa globalização da economia?. Fase atual da economia mundial caracterizada pelo funcionamento livre de mercadorias e serviços entre os países do mundo, por meio de um mercado global, crescimento do comércio, do setor de serviços, do setor de informática e de telecomunicações, com forte presença do sistema financeiro e aumento do fluxo de capitais entre os países.

A finalidade do estudo é analisar o processo de globalização produtiva e financeira, como distintos, mas ao mesmo tempo em permanente influência um sobre o outro. A apresentação de alguns dados serve para ilustrar o crescimento dos investimentos diretos entre países do mundo, através das grandes empresas multinacionais, como também a financeirização das economias, que permite uma verificação do aprofundamento da questão na economia brasileira.

O interesse em estudar o assunto surge do trabalho acadêmico que desenvolvo nas universidades em economia internacional e economia brasileira nos cursos de graduação e lato sensu (pós-graduação).

É uma área de investigação científica extremamente rica na discussão teórica e na pesquisa de dados empíricos, nas áreas de Ciências Econômicas, Relações Internacionais, Administração, Ciências Contábeis e Atuariais. Quanto mais reflexão e estudos sobre uma temática existem os avanços na compreensão, interpretação e produção científica, efetivamente agregação de valor em todos os sentidos.

O tema está em estudo e pesquisas no mundo e no Brasil. Dentro das ciências gerenciais ainda é um assunto pouco estudado. É importante enquanto temática, pela quantidade de capitais que o Brasil recebe de outros países, seja na produção ou no mercado financeiro. O impacto na economia em uma crise mundial é rápido, principalmente nas bolsas de valores e mudanças na política econômica através dos juros.

A metodologia trabalha com uma revisão bibliográfica de textos teóricos, nas áreas temáticas da globalização da economia utilizando os seguintes autores: Mészáros (2009) – É um grande Filósofo Marxista Contemporâneo Húngaro Pesquisador das Crises do Capitalismo no Mundo e Professor Emérito de Filosofia da Universidade de Sussex (1991); Chesnais (2005) – É francês, Economista, Professor Emérito da Universidade de Paris XIII, Membro do Conselho Científico da Associação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos cidadãos (Attac) e Técnico da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); Brum (2001) – brasileiro, Economista, Professor da UNIJUÍ (Universidade de Ijuí – RS) e Pesquisador da Economia Internacional e Economia Brasileira; Gonçalves (1998) – brasileiro, Economista, Professor da Universidade Federal do Rio de janeiro (UFRJ) e Pesquisador da Economia Internacional e Crises do Capitalismo; Furtado (1987) – *In Memoriam*, brasileiro, ilustre economista responsável pela defesa de uma política de Desenvolvimento Econômico para o Brasil, fundador da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), em 1948; Pesquisador da Formação e do Desenvolvimento Econômico Brasileiro.

Segundo as bases da investigação científica, o método proposto é o materialismo histórico-dialético, ao interpretar a realidade em um contexto histórico, político, econômico e social, ao enfatizar as contradições inerentes a sua própria lógica.

Este artigo realiza uma discussão teórica sobre a globalização produtiva e a globalização financeira, a relação com os fluxos de capitais e as crises econômicas recentes. O conteúdo do artigo foi organizado da seguinte forma: caracterização da globalização da economia; a globalização produtiva; a globalização financeira; financeirização e crises econômicas; a conclusão.

2 Conceito e Caracterização da Globalização da Economia

Antes de discutir a temática da globalização da economia é importante compreender o processo de avanço do capitalismo e as mudanças na economia mundial por meio de mudanças nas estruturas econômicas e nas relações de poder entre os países do mundo, por exemplo, no Século XVI e XVII, o forte domínio dos países ibéricos na economia internacional, Espanha e Portugal. Após a Revolução Industrial (Século XVIII), o pleno poder da Inglaterra no mundo. No Século XX, após a II Guerra Mundial (1945), a constituição do imperialismo norte-americano, com forte poder político e econômico até o presente momento. O maior Produto Nacional Bruto (PNB) do mundo, aproximadamente quinze trilhões de dólares.

Segundo Furtado (1987), as mudanças nas relações políticas e econômicas no mundo foram explicadas por meio de três fatores: primeiramente, a desorganização das estruturas coloniais; segundo, relevância de recursos não renováveis em países periféricos ou dependentes; terceiro, a evolução das políticas nos países periféricos.

Quanto à desestruturação das colônias Celso Furtado explica que os EUA enxergavam de forma positiva esse processo, com a possibilidade de uma organização capitalista nos países periféricos, com abertura para instalação de empresas multinacionais americanas. No aspecto político ressalta uma complexidade de relações, no contexto de expansão demográfica dos países e do acesso a informação colocando em evidência uma força política que começava a aparecer no cenário internacional.

No segundo processo chama a atenção para o aumento da importância dos recursos não renováveis dos países periféricos e da mão-de-obra para as economias centrais (países desenvolvidos), ilustra com exemplos da Europa Ocidental e do Japão, a dependência de abastecimento externo de países da periferia (FURTADO, 1987).

Este fato demonstra na fase atual da globalização da economia uma relação econômica intensa entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento econômicos ou subdesenvolvidos sejam por meio da venda de produtos agrícolas e o petróleo, as chamadas "*commodities"* aos países desenvolvidos, seja pelos produtos industrializados e serviços no comércio exterior, ou mesmo, pela importação de produtos manufaturados e tecnologia moderna dos países desenvolvidos.

No terceiro fator o autor salienta a questão política nos países periféricos com independências mais recentes, pela inexistência de uma burguesia local, como explica Furtado (1987, p.148) na seguinte citação: "Interesses coloniais coadjuvados por grupos de expatriados absorveram tradicionalmente o essencial do excedente, o que impediu que brotasse uma burguesia nativa funcionalmente integrada na economia de exportação, à semelhança das burguesias cafeeira brasileira ou pecuária Argentina...ascensão das burocracias civis e militares...".

Nestes casos os interesses nacionais se confundem com os do Estado, assim ocorre uma intensificação do poder da burocracia local. Nos demais países, com independência há muito tempo, houve a formação de uma classe dominante local aliada ao capital externo desde o processo de colonização.

No Brasil, na época da economia açucareira (Séc. XVI – Séc. XVII), os senhores de engenho dominavam a economia. No Séc. XVIII, na época da economia mineira, os proprietários das minas constituíam a classe dominante. No Séc. XIX, a burguesia propriamente dita surgiu no Brasil, vinculada ao crescimento do comércio local, mas a classe com maior poder político e econômico eram os barões do café. Todas estas classes dominantes estiveram historicamente atreladas ao mercado externo, seja na exportação do açúcar, do ouro ou do café. Era notório o envio de parte de nossas riquezas para Portugal, Inglaterra e os EUA na balança comercial.

Diante da contextualização anterior apresenta-se o tema central do artigo, a globalização da economia, como um fenômeno crescente a partir de meados da década de 80, por meio da participação dos países no mercado global. A competição e a competitividade entre as empresas e os países cresceram. Existe a procura por um mundo sem fronteiras com o uso da tecnologia moderna, cujo resultado aumenta a produtividade do trabalho, como também existe uma menor contratação de mão-de-obra, aumento do desemprego e/ou o subemprego (setor informal da economia).

As características mais perceptíveis na primeira análise da globalização da economia são as seguintes:

a) o funcionamento de um mercado global de “livre” fluxo de mercadorias e serviços, com a diminuição da participação da indústria na atividade econômica e o crescimento do setor de serviços e do comércio.

b) inovações tecnológicas – produção e difusão de uma tecnologia cada vez mais moderna em um curto período de tempo, com o domínio de setores de tecnologia de ponta: informática e telecomunicações.

c) informatização e o avanço tecnológico nos sistemas de informação possibilitaram o funcionamento de um sofisticado mercado financeiro com importância significativa na economia, principalmente através do movimento do capital especulativo em bolsas de valores nas economias mais importantes do mundo.

d) a implantação da reengenharia nas empresas - utilização de inovações técnicas para redução de custos, processo de terceirização, seja contratação de serviços de terceiros e manutenção apenas da atividade fim da empresa, enquanto a atividade meio, por exemplo, limpeza e segurança, são setores desativados na empresa. Existe a contratação de serviços de terceiros para reduzir custos e manter o preço competitivo no mercado global.

e) a diminuição brutal no nível de empregos, na grande maioria com relação aos profissionais com mão-de-obra pouco qualificada, com baixo nível de escolaridade, além da precarização nas relações de trabalho.

f) a forte presença de um mercado dominado por grandes empresas disputando níveis de competitividade, espaço no mercado e acesso a tecnologia.

g) os processos de reestruturação produtiva e econômica nas empresas (fusão e incorporação) a partir da participação no mercado global e de mudanças constantes na dinâmica do mercado.

As mudanças advindas da globalização da economia alteraram a forma de manifestação do capital e a dinâmica da acumulação capitalista, mas não transformaram a essência do modo de produção capitalista. O sistema vigente continua com as mesmas características do momento que surgiu na Inglaterra no Séc. XVIII na Revolução Industrial.

Conforme Hunt (1989), as principais características do capitalismo são: Primeira, a produção de mercadorias com o objetivo do lucro. Segunda, o trabalho assalariado como a base das relações de trabalho entre os capitalistas e os trabalhadores. Terceira, a propriedade privada dos meios de produção. Quarta, a ideologia do individualismo e a competição entre pessoas, empresas e economias.

É importante compreender o capitalismo, o nível da aparência e da essência, a manifestação de suas formas em diferentes momentos históricos. Existe uma nova roupagem do capitalismo no processo de globalização da economia, um fetiche camuflado na tecnologia e operações no mercado financeiro, mas os fundamentos do sistema são os mesmos.

Segundo Brum (2001), as características da globalização estão relacionadas à disputa entre os mercados e ao deslocamento dos fatores de produção em escala internacional. Alguns elementos são importantes salientar, como: crescimento dos investimentos diretos e privatizações de empresas; ações de desregulamentação em diferentes setores da economia; nível sustentado da inovação; homogeneização das procuras; avanços na movimentação dos recursos e na concorrência; a congruência entre globalização e a inovação.

O autor analisa as macrotendências do mundo globalizado, ou seja, a forma manifestação do capitalismo na nova realidade econômica da seguinte forma:

Primeira, a defesa de um modelo econômico liberal dominado pelo livre-comércio, o avanço da abertura comercial entre os países nos últimos vinte anos do Séc. XX, assessorada pela evolução da tecnologia da informação.

Segunda, a globalização da economia promoveu uma interdependência entre os países, estimulou o surgimento de parcerias entre os mesmos para o enfrentamento da competitividade exigida no mercado global, resultando no surgimento de blocos econômicos regionais (União Européia, Mercosul, Nafta etc.).

Terceira, a formação de blocos econômicos pode ser interpretada de duas formas – uma corrente do pensamento econômico afirma que os blocos econômicos poderiam promover uma guerra na economia mundial e um aprofundamento do protecionismo no comércio. A outra corrente de interpretação entende esta fase como uma possibilidade do funcionamento de uma economia mais aberta e menos protecionista, por meio das negociações intermediadas pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

Quarta, a mudança na participação do Estado na economia, caracterizada pela necessidade de controle das contas públicas e de constituição de uma poupança interna, redução da burocracia estatal e diminuição da estrutura do Estado, como também proposta de reforma fiscal, tributária, previdenciária e administrativa.

Quinta, a diferença entre vantagem comparativa e competitiva. As vantagens competitivas entre os países no mercado global sofrem influências do custo do Estado e da infraestrutura colocadas a disposição dos agentes econômicos, como, por exemplo, os impostos, os transportes, as estradas, os meios de comunicações, a energia elétrica etc., procurando a privatização dos serviços como alternativa para impulsionar a vantagem competitiva no mercado mundial.

Sexta, a presença forte de megaempresas, constituídas por meio de megafusões, aquisições ou *joint-ventures.* As grandes empresas buscam economias estabilizadas e a inflação reduzida, boas perspectivas de atuação no mercado, incentivos fiscais e uma infraestrutura adequada.

Sétima, a forte presença da informação, principalmente em tempo hábil, capacidade para analisar a realidade, interpretar os fenômenos, elaborar tendências e participar ativamente do processo de avanço da economia.

Oitava, a perspectiva de constituição de moedas únicas via blocos econômicos para controlar melhor os fluxos financeiros e o câmbio, como, por exemplo, a União Européia, quando em 1999 criou o euro.

Nona, o predomínio em nível mundial de um período controlado pelas indústrias do conhecimento, ao inserir no mercado serviços subjetivos, os bens intangíveis, em substituição aos produtos físicos.

Acrescentando as informações apresentadas por Brum, verificam-se mudanças no funcionamento da economia a partir do avanço tecnológico e da integração entre as economias do mundo. Trata-se de uma nova era, o setor de serviços representa 68,5% do PIB no Brasil (IBGE, 2010). A indústria ocupa um espaço menor nas economias, o desemprego é mais intenso, principalmente quando a educação não acompanha o avanço tecnológico.

No Brasil, a tecnologia é predominantemente importada, os celulares estão presentes nos lugares mais distantes da região Norte e Nordeste do país. A população menos favorecida não possui o acesso a educação pública de qualidade. Portanto, os empregos com melhor remuneração são destinados aos filhos da classe média e classe alta que possuem o acesso a educação e qualificação/requalificação profissional.

O autor salienta a necessidade de repensar o papel do Estado na economia para adequação a fase de globalização. Aponta desafios em termos de organização econômica e social, capaz de valorizar as pessoas e os países ameaçados pelo modelo proposto.

Segundo Brum (2001), a terceira via e a socioeconomia do desenvolvimento, procuram formar uma linha de pensamento baseada nos seguintes elementos:

1) O Estado como organizador do processo de avanço econômico e uma harmonização do crescimento, por meio de um maior poder das organizações regionais.

2) Existe uma necessidade de mudança na concepção da sociedade planetária, em vez da competição, substituição pela cooperação. A construção de uma sociedade mais justa e solidária, procurando otimizar o uso dos recursos com eficiência e qualidade, acima de tudo, buscando o desenvolvimento sustentável do planeta.

A proposta apresentada acima é louvável, é preciso repensar o papel do Estado na economia, os impactos das crises financeiras nas economias internas, o processo de organização dos países em blocos econômicos, a chamada regionalização da economia e a inclusão social das populações a margem do processo de globalização da economia. Pensar o desenvolvimento sustentável é algo emergente na sociedade contemporânea. Inúmeras catástrofes assolam o mundo, furacão nos EUA, terremoto no Haiti, no Chile e na China, enchentes em São Paulo, na região sul e no Nordeste do Brasil. A natureza grita e o homem continua destruindo o verde, poluindo as cidades, consumindo muito e aumentando o lixo urbano. É fundamental pensar em um modelo de desenvolvimento socioeconômico sustentável.

A globalização possui muitos olhares, dimensões e debates. É fundamental compreender as manifestações distintas entre a globalização produtiva e a globalização financeira. Ambas atuam na lógica capitalista no contexto de intensificação da mundialização da economia.

3 A Globalização Produtiva e os Investimentos Diretos

Segundo Gonçalves (1998), a globalização produtiva é caracterizada por três processos distintos: o crescimento da internacionalização da produção; o aumento da concorrência em escala internacional; a intensificação da interligação entre as estruturas de produção nacional.

A globalização produtiva para um país é percebida pelo investimento externo direto e contratos, enquanto que a movimentação da balança comercial (exportações e importações) é a participação do país no comércio internacional. Trata-se do investimento das empresas multinacionais no Brasil. Quanto aos contratos são de transferência de conhecimento técnico, marcas, patentes, franquias e acordos estratégicos.

Na década de 80 houve um aumento considerável de investimentos diretos de empresas multinacionais e dos contratos entre os países do mundo. Salienta-se que o movimento é cíclico, por isso é importante analisar a comparação com a renda mundial, como afirma Gonçalves (1998, p. 154) na seguinte citação:

> Por outro lado, na medida em que o investimento externo direto, as operações das empresas transnacionais e as relações contratuais em escala mundial aumentaram mais do que o total da renda mundial, pode-se argumentar em termos da maior integração entre as economias nacionais. Por exemplo, no período mais recente (1991 – 94), a renda mundial cresceu a uma taxa média anual de 4,3%, enquanto o fluxo de investimento externo direto cresceu 12,7% e o pagamento de royalties e taxas (usado como *proxy* para as relações contratuais) cresceu 10,1%.

A concorrência entre os países no mercado global é mais difícil de mensuração. Analisar a competitividade e o uso da tecnologia pode apresentar algumas informações do nível de disputa entre os países no mercado mundial. Vale salientar, que não se apresenta a questão no momento, sim, assunto amplo para outro artigo.

Ao fazer uma reflexão da argumentação teórica do autor e pensar na realidade do Brasil, verifica-se que a indústria automobilística, o setor mais dinâmico da indústria de bens duráveis na economia brasileira é 100% dominado pelo capital estrangeiro, empresas multinacionais americanas, francesas, alemães, japonesas e recentemente chinesas. O poder de decisão das empresas multinacionais está no país de origem na empresa mãe.

Portanto, em um momento de crise econômica mundial, poderá ocorrer uma diminuição dos investimentos no país, na produção, no nível de emprego, aumento do desemprego, redução na renda e no consumo das famílias brasileiras. Cria-se um ciclo de desaceleração econômica, além de atingir setores da indústria nacional, como, o setor de auto-peças, com o dólar baixo atualmente, deixa de vender, porque as montadoras localizadas no Brasil importam peças de automóveis de outros países.

Outro fator de impacto na economia brasileira, são as remessas de lucros das grandes corporações multinacionais para os países de origem, seja por meio de superfaturamento de produtos ou remessas legais. O efeito é negativo na conta de capital do balanço de pagamentos do Brasil. Se o Brasil naquele momento estiver recebendo um volume elevado de capital externo por apresentar a maior taxa de juros do mundo existe uma compensação. Se não existir este fluxo, é possível que precise recorrer a empréstimos junto ao FMI, como ocorreu nas décadas de 70 e 80 ou utilizar as reservas cambiais.

Existe uma vulnerabilidade evidente nas economias nacionais com forte presença de empresas mutinacionais e a transferência de riquezas de países em desenvolvimento econômico, como, o Brasil, para os países desenvolvidos. Na situação de crise, o impacto é a desaceleração econômica ou até mesmo recessão. A implicação direta de uma recessão econômica é o empobrecimento das classes menos favorecidas da população, que já são frágeis economicamente e socialmente. Poderá implicar em aumento da violência urbana.

4 A Globalização Financeira e os Fluxos de Capitais

Outro aspecto fundamental da globalização da economia é a financeirização, sejam os intensos fluxos de capitais nos mercados financeiros, em bolsas de valores, fundos de investimentos, derivativos etc. Estimam-se aproximadamente cinqüenta trilhões de dólares circulando no mundo sem a regulação de um agente financeiro internacional. Em 1997, a crise na bolsa de valores na Ásia (bolsa de Hong Kong) trouxe um impacto rápido e negativo na Bovespa, no Brasil. O governo Fernando Henrique Cardoso elevou a taxa de juros para 40%, passou a ser a maior do mundo, com o objetivo de manter o capital externo especulativo no país, pois era completamente dependente deste capital para rolagem da dívida pública.

Segundo Gonçalves (1998), a globalização financeira é caracterizada a partir de três processos distintos: o aumento dos fluxos de recursos financeiros entre os países do mundo; o aprofundamento da disputa nos mercados de capitais no mundo e uma maior relação entre os sistemas financeiros dos países. O crescimento nos fluxos de recursos financeiros na economia mundial por meio de empréstimos e investimentos de portfólio no período de dez anos (entre 1987 e 1996). Houve um aumento considerável nos fluxos financeiros, de US$ 395 bilhões (1987) para US$ 1.597 bilhões (1996), uma taxa anual de crescimento de 17%.

Este crescimento no fluxo financeiro entre países em meados na década de 80 e década de 90 foi expressivo, pelo aumento na emissão de títulos e de ações entre economias desenvolvidas e economias em desenvolvimento, como, por exemplo, no Brasil. O IBOVESPA, índice de variação das ações mais negociadas na Bovespa, bolsa de valores de São Paulo, expressa o resultado do pregão naquele dia.

Este índice sofre um reflexo imediato, quando diminui os índices nas principais bolsas de valores do mundo (bolsa de Nasdaq – EUA; bolsa de Frankfurt – Alemanha; bolsa de Londres – Inglaterra; bolsa de Paris; bolsa de Madrid - Espanha; bolsa de Tóquio – Japão; bolsa de Shangai – China). Informações do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Produto Interno Bruto (PIB), da taxa de desemprego e das vendas no comércio dos EUA representam mudanças bruscas na Bovespa, por exemplo, se a perspectiva dos investidores de ações é positiva sobre a economia, o índice tende a subir. Se a previsão é negativa, baseada na divulgação de índices da economia dos EUA ou da economia brasileira, o resultado é uma queda brusca no índice, como ocorreu em diferentes momentos, um crescimento do Ibovespa de 10% em um dia e uma queda na mesma proporção no outro dia, consequentemente uma instabilidade na economia brasileira em função da forte financeirização da economia.

Conforme Gonçalves (1998), o segundo aspecto da globalização financeira é o aprofundamento da disputa no mercado entre os países. Existe uma forte concorrência entre os bancos e as organizações não-bancárias nos negócios no mercado financeiro mundial. As empresas multinacionais realizam operações diretamente no mercado, por meio de suas organizações financeiras próprias. Verifica-se dinheiro em fundos de pensão, seguros e fundos mútuos.

O terceiro processo da globalização financeira apresentado por Gonçalves é a demonstração da relevância da interligação dos sistemas financeiros nacionais no mercado financeiro global, como afirma na seguinte citação:

> Nesse sentido, um indicador importante é o diferencial entre as taxas de crescimento das transações financeiras internacionais e nacionais. Assim, por exemplo, nos cinco primeiros anos da década de 90 o estoque de bônus emitidos nos mercados de capitais dos países desenvolvidos cresceu a uma taxa média anual de 9%, enquanto o estoque dos bônus emitidos no mercado internacional de capitais por esses países cresceu 12%... a participação de títulos estrangeiros na carteira dos fundos de pensão norte-americanos aumentou de 0,7% em 1980 para 10,3% em 1993 e, no caso dos fundos de pensão britânicos esse aumento foi de 10,1% em 1980 para 19,7% em 1983; e o aumento correspondente para os fundos de pensão japoneses foi de 0,5% em 1980 para 9,0% em 1993 (GONÇALVES,1998, p. 149 – 150).

Verifica-se uma forte financeirização da economia, uma grande quantidade de capitais circulando entre os países do mundo sem maior regulação financeira. É uma economia de alto risco, instável e com impactos na economia produtiva, principalmente em uma situação de crise. É necessário pensar na regulação do mercado financeiro internacional e na constituição de um Banco Central Mundial ou de uma organização supranacional com amparo jurídico para realização de intervenções na economia mundial e regulação do capital financeiro especulativo. Trata-se de um capital sem pátria, ora está no Brasil, ora na China, ora na Alemanha, ora nos EUA. A busca do lucro fácil a partir de operações rápidas no mercado financeiro é o que norteia este capital juntamente com o país que oferecer o menor risco.

É fundamental para as empresas compreenderem os acontecimentos de um mundo globalizado, o padrão internacional, o preço praticado no mercado, o nível de exigência do consumidor, a formação e a qualificação da mão-de-obra.

5 A Financeirização da Economia e as Crises Econômicas

Em seguida, apresentam-se algumas reflexões das contradições entre o discurso e a prática do Neoliberalismo, antes mesmo de entrar na argumentação teórica defendida pelo filósofo húngaro Mészáros.

É importante, pensar, compreender e explicar, as enormes quantidades de dinheiro provenientes da especulação parasitária do sistema financeiro?. A globalização da economia pautada no Neoliberalismo econômico defende a liberdade de mercado e a redução da participação do Estado na economia. A bárbara diferença entre a valorização rápida dos papéis no mercado financeiro, sem lastro, e a economia real, levam o capitalismo a partir de uma expectativa negativa da economia a uma grave crise econômica, em alguns momentos de curta duração, mas de grande impacto nos negócios.

A globalização financeira caracterizada por uma elevada quantidade dos ativos financeiros no mercado e a especulação em bolsas de valores são fatores de fragilidade da forma de acumulação do capital atualmente.

Existe uma contradição entre o discurso Neoliberal, a defesa na minimização do Estado e a ação dos governos para salvar grandes empresas privadas nos momentos de forte crise no mercado financeiro, como, por exemplo, em 2008, nos EUA. O Estado aumenta o endividamento para assumir os prejuízos advindos da financeirização da economia. Dessa forma, agudiza a crise e as contradições do capitalismo inerentes a sua própria lógica.

Mészáros (2009) demonstra no livro a crise estrutural do capital, de que forma uma ação do presidente dos EUA, George W. Bush, em 2008, provocou a nacionalização de um bloco da bancarrota capitalista, ao assumir os passivos das companhias hipotecárias *Fannie Mae* e *Freddie Mac*, por 5,4 trilhões de dólares, dinheiro suficiente para onze anos de execução da Guerra do Iraque.

A crise financeira está estreitamente vinculada à crise na produção. Os setores produtivos da economia são afetados com a crise econômica e a própria acumulação do capital, como afirma na seguinte citação:

> A imensa expansão especulativa do aventureirismo financeiro – sobretudo nas últimas três ou quatro décadas – é naturalmente inseparável do aprofundamento da crise dos ramos produtivos da indústria, assim como das resultantes pertubações que surgem com a absolutamente letárgica acumulação de capital (na verdade acumulação fracassada) no campo produtivo da atividade econômica Mészáros (2009, p. 25).

Salienta a necessidade de analisar o processo histórico sob a égide do capital e a crise estrutural, o efeito devastador de uma simbiose entre a estrutura legislativa do Estado e a produção, o aspecto financeiro da economia e a situação reprodutiva societária estabelecida atualmente.

Na relação simbiótica entre a política, com suas práticas corruptas, e o setor produtivo verifica-se prática permissível, o papel antidemocrático da “selva legislativa impenetrável”, da ação do Estado no domínio financeiro, o denominado Estado servil ao capital.

O fator relevante na acumulação de capital é a dificuldade encontrada pelos países no contexto global de resolver os problemas financeiros causados pela crise. Os EUA buscam o financiamento de sua dívida a qualquer preço no mercado financeiro, como, por exemplo, na crise hipotecária e bancária de 2008.

Destaca que as contradições no processo de acumulação de capital se aprofundam, na busca pela permanente expansão sem limites do capital, um crescimento ilusório confundido com a expansão real da economia, sem alteração no modo de "reprodução sociometabólica".

Quais os impactos da financeirização da economia nas crises econômicas?. A globalização financeira demonstra o fluxo de recursos financeiros entre as economias do mundo, como parte do processo de mundialização da economia.

Segundo Chesnais (2005), as crises mais recentes do capitalismo demonstram um efeito negativo propagado pelos mercados financeiros entre as economias do mundo. Em 1997 – 1998, a economia mundial foi abalada pela crise asiática. No mesmo ano de 1998 aflorou a crise da Rússia. Em 2001, a crise econômica na Argentina, Turquia e Brasil. Em 2000 e 2001, a quebra da bolsa de valores Nasdaq nos EUA.

Acrescenta-se a análise acima a crise de 2008 e os fatos recentes. A crise de 2008 surgiu no mercado imobiliário norte-americano com a liberação do crédito de alto risco *subprime*. O grau de endividamento das famílias nos EUA era muito elevado. De outro lado, os bancos apresentavam grau de alavancagem de até 40 vezes o patrimônio, seja endividamento extremamente elevado.

Em 2009, a crise da Grécia proveniente de déficit fiscal elevado ameaçava a recuperação econômica da União Européia, além de problemas semelhantes em Portugal, Espanha e Irlanda. Em 2010, recentemente, conflitos entre o governo e os trabalhadores na França por causa de corte nos gastos na área social. As medidas restritivas de fortes cortes de gastos na Inglaterra até 2016, devido ao déficit fiscal alto.

Estas crises demostram o alto grau de integração do mercado financeiro mundial e a forte financeirização da economia, como uma ameaça presente a lógica da acumulação de capital. Segundo Chesnais (2005), no final da década passada, o volume de recursos financeiros era superior a US$ 36 trilhões, o que significava aproximadamente 140% do PIB dos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Como analisar tamanho desequilíbrio entre a quantidade de investimentos na produção e os recursos financeiros no mercado de capitais?. Quando os ativos começam a crescer muito no mercado financeiro, papéis com valorização muito alta no curto prazo, existe um distanciamento da economia financeira da economia produtiva. É um capital fictício crescendo a todo vapor de forma insustentável.

A mundialização financeira provoca mudanças bruscas nas economias e choques financeiros, como afirma na seguinte citação Chesnais (2005, p. 48):

> Viu-se também os choques financeiros, com freqüência provocados diretamente pelas retiradas brutais dos investimentos estrangeiros, propagarem-se de maneira contagiosa, atingirem funções essenciais do sistema financeiro – em primeiro lugar os mecanismos de criação de crédito – e estenderem-se muito rápido sobre a esfera da produção e das trocas. Para outros Estados ou territórios formalmente soberanos

> ou autônomos, confere-se o papel de paraísos jurídicos e fiscais. As empresas e os particulares ricos neles podem organizar a evasão fiscal, e os fundos provenientes do comércio de drogas e de todas as atividades mafiosas podem ali começar as primeiras fases críticas da lavagem de dinheiro.

A fácil movimentação de dinheiro no mercado financeiro leva muitas vezes o próprio capitalista a tomar à decisão de forma espontânea de conduzir a empresa privada a falência e desviar o capital para o mercado financeiro internacional, principalmente os paraísos fiscais, em busca do lucro elevado, rápido e fácil, mas extremamente nefasto para a economia produtiva real.

É importante explicar o conceito de capital financeiro de Hilferding (1985) apud Iturbe (2009). Trata-se do capital bancário na forma de monetário modificado em capital industrial. Este capital retorna ao sistema produtivo, é diferente do capital puramente especulativo parasitário.

Compreende-se a especulação financeira como o investimento de dinheiro com o objetivo de ganhos rápidos e fáceis no mercado financeiro, por exemplo, um investimento em ações em bolsas de valores com mudanças rápidas na compra e venda de ações de empresas para obtenção de ganhos elevados no curtíssimo prazo, em vez de pensar na capitalização das empresas. Não existe um vínculo do investidor com a empresa, nem identidade, tão pouco admiração, seja investe naquela empresa que proporcionar a usura de forma rápida. O problema é o distanciamento da valorização das ações com a realidade da empresa.

Segundo Iturbe (2009), a crise econômica de 2000 foi causada pela queda das empresas pontocom nos setores de informática e *internet*, atacadas por uma bolha financeira. As ações das empresas subiram rapidamente no mercado financeiro. A venda de informações e bens virtuais cresceu numa velocidade assustadora, pois são bens intangíveis não existiam limites reais para o seu crescimento.

A crise explodiu com a queda da *Enron Corporation* (sétima empresa dos EUA) e a descoberta das fraudes contábeis, denominada de contabilidade criativa. Em seguida, quebrou a WorldCom mantida artificialmente por empréstimos do JP Morgan e da City. O ponto central da crise econômica está nos EUA, às causas estão relacionadas aos "déficits gêmeos – comercial e do governo". O déficit comercial, em 2006, era de 755 bilhões de dólares. Em 2007, caiu para 711 bilhões de dólares, sendo 1/3 resultado das trocas comerciais com a China.

Conforme Iturbe (2009), O déficit fiscal é proveniente de diminuição de impostos para grandes grupos econômicos, aumento dos gastos militares e o financiamento da dívida pública. O superávit de 128 bilhões de dólares, em 2001, Governo do Clinton, se transformou em 337 bilhões de dólares, em 2006. No ano seguinte, o governo Bush diminuiu o déficit primário para 163 bilhões. Em 2008, foi para 400 bilhões, com perspectiva de chegar a 447 bilhões em 2009.

Conforme Iturbe (2009), o banco *Goldman Sachs* utilizou 40 bilhões de dólares do capital para dar suporte a títulos de 1,1 trilhões; a *Merrill Lynch* usou 30 bilhões de dólares para oferecer base de um trilhão. No período de 2000 a 2008, o mercado de obrigação CDOS aumentou de 900 bilhões para 62 trilhões de dólares, duas vezes o valor das ações nos EUA e dez vezes todos os títulos de dívida.

Os bancos centrais dos EUA, Canadá, Japão e Europa investiram 500 bilhões de dólares inicialmente e depois 300 bilhões de dólares. Após a crise de 2008, os EUA apresentaram mais 700 bilhões de dólares e a Europa, no total um trilhão de dólares. A China investiu 600 bilhões, a Rússia, 300 bilhões e o Brasil 200 bilhões, um total no mundo de quatro trilhões de dólares, 10% do PIB mundial.

Segundo Iturbe (2009, p. 99) "...O Estado burguês atuou como impulsionador e sustentador do circuito especulativo, agora ele atua como uma espécie de companhia seguradora que cobre as perdas dos bancos especuladores, numa espécie de Keynesianismo financeiro". É uma fase de turbulência no mercado financeiro e de forte endividamento do Estado nos momentos de crise para salvar o capitalismo ainda com a utilização da política keynesiana. As crises provenientes de movimentos do capital especulativo são próprias da fase imperialista do capital, com antecedente em 1873, o objetivo é a destruição de uma parte do capital.

O autor faz uma comparação interessante da crise de 1929 e a crise atual (2008). Ambas possuem fortes causas financeiras a partir da especulação de capitais no sistema financeiro e sofrem intervenções do Estado na economia através dos Bancos Centrais, sem sucesso na reversão da profundidade da crise.

Os dados apresentados acima demonstram primeiro a valorização de papéis de empresas vinculadas à internet prestadoras de serviços no mercado financeiro e a fraude no balanços contábeis, em seguida, a desvalorização acentuada dos papéis, perdas significativas para empresas, bancos e pessoas que acreditaram nos negócios das empresas ponto com.

Segundo, o autor mostra o grau de endividamento dos EUA no governo Bush com o crescente déficit comercial e o déficit fiscal. A maior economia do mundo é o país mais endividado do mundo, externamente e internamente. É uma grande contradição, os EUA se endividam a cada dia para continuar como a economia mais importante do mundo. Até quando os EUA conseguem manter o financiamento do déficit público.

Salienta o volume de recursos significativos investidos pelos países do mundo na recuperação das economias, como uma forma de impedir o aprofundamento da crise econômica. Os estados se endividam para salvar o capital privado, empresas e bancos, de seus atos inconseqüentes no mercado financeiro, por meio da especulação e da construção de castelos de areia, dinheiro sem lastro e respaldo na produção. É preciso evitar o alto risco da financeirização da economia. O capital privado precisa pagar o ônus pela especulação irracional.

Conforme Dowbor (1997), a acumulação de conhecimento tecnológico nos últimos vinte anos é superior a história da humanidade. A enorme distância entre a velocidade da tecnologia e a lentidão das instituições provoca uma "disritmia letal no desenvolvimento da nossa sociedade". A inexistência de ferramentas de regulação da economia mundial provoca uma polarização entre ricos e pobres.

É preciso pensar na reforma do Estado no âmbito da humanização da sociedade. As empresas precisam cumprir o seu papel na responsabilidade social e ambiental. Viver na sociedade moderna está insuportável para o homem. A desigualdade entre ricos e pobres aumenta brutalmente, como afirma Dowbor na seguinte citação (1997, p. 15):

> A distância entre pobres e ricos aumenta dramaticamente, enquanto o planeta encolhe e a urbanização junta os pólos extremos da sociedade, levando a convívios contraditórios cada vez menos sustentáveis. A urbanização deslocou o espaço de gestão do nosso cotidiano para a esfera local, enquanto os sistemas de governo continuam na lógica centralizada da primeira metade do século. Finalmente, o mesmo sistema que promove a modernidade técnica gera a exclusão social,

> transformando o mundo numa imensa maioria de espectadores passivos que deveriam estar maravilhando com as novas tecnologias surgidas.

A reflexão a respeito da sociedade capitalista, consumista, desigual e desumana é essencial. É inevitável, o envolvimento dos gestores de negócios no mundo globalizado. Pensar que tipos de sociedade querem e podem construir. Não adianta o investimento em tecnologia sem limites, se a empresa produzir bens em serviços, chegará um determinado momento que a demanda não cresce na proporção da oferta, a economia desacelera e depois entra em recessão econômica.

O autor citado anteriormente faz uma discussão mais ampla sobre o modelo de sociedade que se vive, com acesso a alta tecnologia, o elevado desemprego, inclusive nos países desenvolvidos e a exclusão de parcela da população aos bens de consumo necessários a sobrevivência humana. A construção de uma sociedade planetária democrática, com justiça social, direitos humanos, inclusiva e humanizada é o grande desafio dos cidadãos, dos governos e de empresas.

6 Conclusão

O tema globalização é passível de debate e várias interpretações. A globalização produtiva nos mostra a mundialização da economia através dos investimentos diretos estrangeiros entre os países do mundo. Houve um aumento do volume de negócios no mercado global e de fluxos de investimentos diretos. É preciso analisar com cautela a economia dependente de empresas multinacionais, pois existe uma elevada remessa de lucros para a empresa mãe. Este fato implica em redução de investimentos naquela economia, desemprego, diminuição da renda e do consumo das pessoas.

No aspecto da globalização financeira verifica-se uma grande quantidade de dinheiro sem regulação, com elevado grau de vulnerabilidade e volatilidade, sem objetivo de investimento de longa duração, mas em busca incessante do lucro alto e rápido. A economia globalizada na configuração atual é uma economia de alto risco. Os mercados financeiros realizam compras e vendas de papéis com um ritmo acelerado e valorização fictícia.

O grau de endividamento dos bancos e das empresas é muito alto entre os mercados, governos e empresas. Os aproximadamente cinqüenta trilhões de dólares que circulam no mundo sem regulação de agentes financeiros é um capital-dinheiro nefasto para a economia. Não gera emprego, renda e consumo. O efeito negativo em uma crise econômica é devastador, abala a economia no aspecto produtivo de uma forma que demora um longo período para a sua recuperação.

Existe uma emergência na regulação do capital financeiro especulativo em nível mundial. As economias precisam cuidar do endividamento público, da balança comercial superavitária, do desenvolvimento sustentável, da diminuição do risco sistêmico no mercado financeiro e do estímulo a produção econômica sustentável. Pensar no desenvolvimento econômico, na qualidade de vida e na melhoria das condições de vida do ser humano no planeta Terra.

Referências:

Brum, Argemiro. A economia Internacional na entrada do Século XXI – Transformações irreversíveis. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

Chesnais, François (org.). A finança mundializada. São Paulo: Boitempo, 2005.

Dowbor, Ladislau; Ianni, Octavio (orgs.). Desafios da Globalização. Petrópoles – RJ: Vozes, 1997.

Furtado, Celso. Transformação e Crise na Economia Mundial. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

Gonçalves, Reinaldo (org.). A Nova Economia Internacional – uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

Iturbe, Alejandro. O sistema financeiro e a crise da economia mundial. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.

Mészáros István. A Crise Estrutural do Capital. São Paulo: Boitempo, 2009.